

Zumrud DADASHZADE

*Professor da Academia Musical de Baku de U.Hadjibeyli,
Especialista Emérita em arte do Azerbaijão*

RECORDAREMOS VOCÊ, MAESTRO BARBATO!



O PRIMEIRO FESTIVAL INTERNACIONAL “O MUNDO DO MUGAM”¹ FOI REALIZADO EM 2009 NA TEMPORADA LUMINOSA PRIMAVERIL, DURANTE O NOVRUZ² - FESTA FAVORITA DOS AZERBAIJANESES, A FESTA DO DESPERTAR E DO RENASCIMENTO DA NATUREZA.

Além de apresentações dos intérpretes da música tradicional oriental, o rico programa do Festival incluiu também um concurso de jovens cantores-khanende e um simpósio científico. Ao apresentar toda a história do mugam no Azerbaijão moderno por meio das obras sinfônicas, das composições de jazz e das óperas, as tradições da arte nacional foram mostradas de diferentes formas durante o Festival.

Um dos sucessos marcantes deste Festival multicolorido e polifacetado foi o concerto da Orquestra Sinfônica Estatal do Azerbaijão de U.Hacibeyli que interpretou todos os três mugans sinfônicos de Fikret Amirov (1922-1984)³

O Mugam sinfônico – um novo gênero de arte musical em que Fikret Amirov, de 26 anos, conseguiu fazer o impossível, reunir como em laços de matrimônio (Glinka⁴) a



estrutura do mugam com os princípios sofisticados de uma tradição musical europeia – o sinfonismo. Ao projetar a construção do mugam monodioso⁵ no som da orquestra sinfônica, o compositor deu vida nova à antiga arte do povo azerbaijânês, colorindo-a com as incríveis cores da orquestra. Por outro lado, a música mundial se enriqueceu com a forma sinfônica original, imagens brilhantes e harmonias picantes e frescas. É sintomático que superando os impedimentos frequentes do sistema totalitário e da cortina de ferro entre o Ocidente e a União Soviética, os mugams sinfônicos de Amirov conquistaram os auditórios multilíngues ao serem executados no século passado nas famosas salas de concerto da Europa e América com a interpretação de maestros famosos, como L.Stokovskiy (Orquestra Sinfônica de Houston), Sh.Myunsh (Orquestra Sinfônica de

Boston) e G.Aabendrot (Orquestra Sinfônica de Zurique).

A particularidade do concerto em Baku foi a apresentação conjunta de todos os três mugams sinfônicos de F.Amirov – “Shur”, “Kyur-Ovshari”, (os dois de 1948) e “Gyulistan – Bayati Shiraz” (1971). A peculiaridade residiu também no fato de que a Orquestra Sinfônica do Azerbaijão foi dirigida pelo maestro brasileiro de origem italiana Silvio Sergio Bonaccorsi Barbato - Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Conforme as informações encontradas em fontes diferentes na internet, o destacado músico estudou composição e regência em Brasília e Milão, regeu muitas orquestras e teatros de ópera da Europa e América, trabalhou com artistas internacionais famosos como Aprile Millo, Montserrat Caballé, Plácido Domingo, Roberto Alagna, Angela

Gheorghiu etc, recebeu algumas vezes prêmios internacionais, em 2008 foi indicado para o Latin Grammy Award e até compôs algumas obras maiores, inclusive balé e opera. Porém, quando Barbato regeu em Baku pela primeira vez, os antecedentes artísticos dele eram desconhecidos e por isso houve muitas preocupações: Será que o maestro estrangeiro seria compenetrado o suficiente para captar o mugam, espírito sagrado da música azerbaijana, que foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO? Ademais, muitas pessoas se lembravam da regência do famoso maestro azerbaijânês Niyazi⁶.

Gostaria de salientar aqui que Barbato desde os primeiros minutos conseguiu conquistar o auditório. A performance dele convenciu, atraía e comovia. Em “Shur” a orquestra soava às vezes como um

órgão que transformava o mugam com uma majestade especial, soletridade e poder. Era óbvia a clareza da consciência das estruturas e da temperatura emocional das obras, a capacidade de perceber o valor dramático e a exatidão das culminações. E ao mesmo tempo era uma regência sincera, sem nenhuma postura artificial em público. No final do concerto o auditório não deixou o maestro sair e insistiu algumas vezes para que ele voltasse ao palco. O maestro, apesar de estar cansado, retornou feliz agradecendo cordialmente a cada solista da orquestra e ao auditório pelas entusiasmadas boas-vindas. Todos recordaram o gesto final do Maestro: ao sair do palco ele parou por um instante pegou a partitura de Amirov, beijou-a duas vezes e levantou-a para cima da sua cabeça. A naturalidade e a amorosidade deste gesto conquistaram o auditório que, literalmente, explodiu de aplausos.

Foi um evento absolutamente extraordinário do qual, além dos especialistas da arte do mugam dos diferentes países do mundo, participaram também a primeira-dama do Azerbaijão, Embaixadora da Boa Vontade da UNESCO e IESCO7 e presidente da Fundação Heydar Aliyev, SE Mehriban Aliyeva e o diretor-geral da UNESCO SE Koichiro Matsuura. O auditório que assistiu ao concerto recebeu um presente verdadeiramente inestimável – a coleção dos discos de todas as composições de mugam de Amirov.

No dia seguinte, depois da cerimônia de inauguração oficial do Festival no Centro Internacional do Mugam (num prédio único com uma acústica excelente e uma arquitetura em forma de tar, o instrumento principal de mugam), eu tive a felicidade de conversar brevemente

com o maestro. Isso aconteceu inesperadamente: nos encontramos na fila. Não sei se foi a aura clara desta pessoa ou as impressões que tinha depois de ouvir as sete composições de mugam que tornaram a nossa conversa extremamente cordial e viva. Gostaria de admitir, que Barbato me conquistou com seu encanto incrível, inteligência e tato. Eu me apresentei, falei que faz muitos anos que faço pesquisa sobre a música sinfônica e me interessei em particular pela fusão entre o mugam antigo e o sinfonismo europeu. Barbato se animou, me deu o seu cartãozinho de visita e disse que ficaria muito feliz se mantivéssemos contato no futuro. Eu exprimi minha sincera admiração pelo desempenho do maestro, pela sua atitude cautelosa em relação às composições de Amirov, pelo ressoar sonoro da orquestra e profissionalismo dos solistas. “Você acha que o grupo de cordas não estava soando bem?” – perguntou o maestro um pouco confuso. “Não, claro que não! – eu respondi, esclarecendo esta dúvida dele. O som estava extremamente equilibrado, a sua entonação provada e a série de episódios de solo e tuttis da orquestra criaram um número inteiro de arte”. Eu percebi que Barbato atribuía importância ao concerto e não ignorava as opiniões dos especialistas azerbaijaneses. Nós nos despedimos ao sair do Centro do Mugam porque o Maestro estava com pressa para voltar ao hotel: ele voltava para sua pátria por causa de assuntos inadiáveis, projetos interessantes, programas de concerto...

Durante o Festival eu recebi uma proposta para fazer entrevistas para o catálogo do Festival e também para a revista “Mugam” com vários participantes e primeiramente com os solistas entre os quais havia

músicos conhecidos internacionalmente como Aicha Redouane (Egito), Hussain Al Adhamy (Irã), Alim Qasimov (Azerbaijão) e Mozafar Shafiei (Irã). Ao decifrar as gravações das numerosas entrevistas no dictafone eu me lembrei de Barbato e entendi que sem as impressões dele o material estaria incompleto. Ao lembrar-se de seu desejo em manter contato eu lhe escrevi imediatamente sem esperar uma resposta rápida. Porém – milagre! – o maestro gentilmente me respondeu no mesmo dia e me prometeu responder logo a todas as perguntas da entrevista. E ele manteve a sua promessa me surpreendendo de novo com a sua pontualidade (uma qualidade rara entre as pessoas cuja profissão é criativa!) e também com a clareza das respostas. Aqui eu gostaria de citar alguns fragmentos da entrevista que foi publicada no catálogo do Festival que foi editado em diferentes línguas pela Fundação Heydar Aliyev.

Respondendo à minha pergunta sobre a percepção das obras do F. Amirov, Barbato fez questão de destacar que considerava o maestro azerbaijanês uma figura proeminente da música do século XX. “O seu estilo nacional combina com a técnica que ele desenvolveu como compositor e está em sintonia com as tendências da escola moderna de composição ao misturar o colorido nacional com os princípios mundiais”, destacava Barbato. “A música de Amirov na minha opinião tem a mesma importância que a música de Heitor Villa Lobos no Brasil, ou Leonardo Bernstein no EUA, ou ainda de Ottorino Respighi e Nino Rota na Itália.. Eu acho que quanto mais próxima a música do Amirov estiver do Azerbaijão mais internacional ela é”.

A minha segunda pergunta foi sobre as obras criativas, o processo de preparação para o concerto e as relações estabelecidas entre o maestro e a orquestra azerbaijanesa. “Cada resposta de Barbato expressava uma atitude extremamente cordial com os nossos músicos: Desde o primeiro minuto do nosso encontro com a orquestra azerbaijanesa nós nos apaixonamos. Foi amor à primeira vista. Nós nos juntamos em torno de uma música ótima, cheia das emoções e, inspirados, nos submetemos a ela plenamente. Durante toda a semana de ensaios nossos sentimentos se fortaleceram e se expressaram finalmente durante o concerto fantástico na filarmônica. No concerto nós atingimos um nível incrível de equilíbrio da disciplina, clareza da estrutura, realização de alta técnica. Mas o mais importante era que os músicos da orquestra fossem apaixonados pelo seu trabalho e amassem fazer música. Sinto muito falta deles olhando as fotos, fantasiando estar em Baku, caminhando na beira do mar Cáspio - desde o hotel até a Filarmônica”. A última frase de Barbato mostra suas qualidades morais – bondade, afeição às pessoas com as quais ele teve a chance de trabalhar.

Aqui eu gostaria de fazer uma breve pausa para dizer algumas palavras aos músicos azerbaijaneses. Todos os músicos da orquestra até hoje recordam com carinho o trabalho com o Maestro. Por exemplo, a violonista Tofa Babayeva, livre-docente da Academia Musical de Baku, Artista Emérita do Azerbaijão, quando falou sobre o Maestro destacou seu alto profissionalismo, eficiência fantástica e o amor pela música de Amirov. “No mugam “Shur” tem um episódio de dança rítmica e graciosa que dava um prazer especial ao ma-



estro. Durante o concerto, no momento do êxtase da criação parecia que o maestro ia dançar. Claro que ele não podia, mas toda a mímica de Barbato, a plástica de suas mãos, transmitia as suas emoções. O rosto dele irradiava um sorriso brilhante”. Só gostaria de adicionar aqui que não é todo maestro que consegue penetrar na beleza da música, amá-la sinceramente e contagiar os outros músicos com este amor.

“Tendo estudado detalhadamente as partituras, Barbato seguia sempre as instruções do autor, - destaca T. Babayeva. No início aconteceram alguns desacordos quanto os ritmos - a orquestra interpretou Amirov muitas vezes e tinha a sua própria concepção de como tocar esta música. O maestro delicado, escutando todas as nossas propostas, insistiu em sua referência à partitura. Barbato teve determinação (pois o maestro tem que ser um ditador) e, ao mesmo tempo, suavidade e tato. Ao entender a dimensão do talento do maestro nós confiamos nele seguindo todas as suas instruções. Devo admitir que por causa do seu

talento, de sua eficiência, do seu respeito pela música azerbaijanesa e pelo Azerbaijão, beleza interna nós, todos os músicos da orquestra amaram o maestro carismático do Brasil distante”. Graças a estas relações confiantes e ao processo de ensaio minuciosamente estruturado, a orquestra sob a regência do maestro brasileiro conseguiu levar ao auditório a intenção do autor.

Ao mesmo tempo Barbato valorizou muito a concepção do Festival em geral: “Eu já tive oportunidade de reger em Festivais Internacionais como o Festival dei Due Mondi (Spoleto), o The Rome Summer Festival, o The Rio de Janeiro Summer Festival e eu realmente fiquei muito impressionado com o alto nível do Festival “o Mundo do Mugam”. A ideia de focar num tema como o mugam que na realidade é a alma do Azerbaijão atribui ao Festival grande peculiaridade. Parabéns! Desejo-lhe sucesso em todas as iniciativas futuras!” (em 2013 o festival “O mundo do mugam” foi realizado pela terceira vez com grande sucesso- Z.D.)



Eu não pude deixar de perguntar ao maestro sobre os planos futuros talvez ligados ao Azerbaijão pelo qual ele se apaixonara tanto. Desta vez a resposta dele também me surpreendeu. “Depois de tantos dias passados com a orquestra, depois de ouvir a música tocando nas ruas da cidade e nos concertos do festival, eu tenho uma sensação de pertencimento à sua cultura. Eu vivo me perguntando: de onde vem esta sensação? Talvez esteja ligada a um passado longínquo porque os meus ancestrais eram da Sicília, lugar que durante muitos séculos foi o entrocamento das culturas orientas com as tradições muçulmanas. E pode ser que isso seja muito mais simples e esteja ligado à música fantástica escrita pelos grandes compositores deste maravilhoso país e de seu povo admirável. Eu acho que terei a oportunidade no futuro de interpretar esta música nos meus concertos na América e na Europa...”

Eu agradei ao grande maestro pelas respostas sinceras e ele respondeu que terá prazer em continuar a “cooperação com esse grande país”.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que se não tivesse acontecido a tragédia, Barbato teria continuado sendo um propagandista sincero da música azerbaijana. Depois de menos de dois meses dessa conversa virtual chegou a notícia horrível: o maestro tinha morrido num acidente de avião num voo a caminho de Kiev, Ucrânia, com conexão em Paris. O maestro perdeu a vida no auge de sua carreira. A cultura musical mundial perdeu o maestro proeminente, o Brasil perdeu um de seus músicos preferidos e nós, azerbaijanos, perdemos nosso novo e verdadeiro amigo.

Quase todos os músicos com os quais eu tive chance de conversar durante o Festival como Y.Elsner (Alemanha), R.Simms (Canadá), Y.Shiposh (Hungria), F.Karakaya (Turquia) e A.Abdurashidov (Tajiquistão) consideraram o concerto de mugans sinfônicos como um realização extraordinária e inesquecível. Por exemplo, o professor da Universidade Estatal de Nova York, o especialista da UNESCO Stiven Blam, ao compartilhar suas impressões sobre o festival salientou particular-

mente “o som especial e rico do grupo de cordas da orquestra sinfônica do Azerbaijão que apresentou uma performance excelente de mugans sinfônicos sob a regência do maestro Barbato”.

Depois da tragédia, por pedido meu, os participantes do festival expressaram suas opiniões sobre o maestro. Demos uma olhada em algumas das cartas.

Zilya Imamutdinova, música (Moscou): “Sinto muito por ter que escrever por uma razão tão trágica – a perda de um pintor incrível, do talentoso maestro Barbato. Eu fiquei surpresa com um fato – o dos mugans sinfônicos do Amirov serem interpretados pela orquestra azerbaijana sob a regência do maestro brasileiro de origem italiana. Barbato foi um profissional de alto nível e maestria brilhante e um temperamento desenfreado. A sua interpretação transmitia a beleza da música e a síntese maravilhosa do europeu com o local que penetrou todos os mugans de Amirov. Não tenho palavras para exprimir o nosso pesar por esta perda...”

Violetta Yunusova (professora do conservatório de Moscou): “Eu tenho lembranças muito cordiais de Barbato. Ele sentiu perfeitamente o espírito da música do Azerbaijão e do mugam. Isso era visível nas suas interpretações dos mugans sinfônicos do F.Amirov, no seu modo mais fino de frasear, nos ritmos bem escolhidos, na sua interação com os músicos da orquestra. Na minha opinião, ele fez uma das melhores interpretações das composições do F.Amirov”.

Acho que nós podemos confiar em V.Yunusova – famosa especialista na área de culturas orientais e autora de pesquisas interessantíssimas especialmente sobre o mu-

gam do Azerbaijão. Além disso, ela, como nós, teve uma ótima oportunidade de conhecer as varias interpretações dessas composições na coleção distribuída durante o festival. Eu só gostaria de salientar que a interpretação de Barbato foi tão convincente que eu nunca tive a menor dúvida quanto ao som de qualquer um dos episódios de Amirov.

Na opinião do compatriota de Barbato, o músico italiano Giovanni de Zorzi intérprete da arte *makam*⁸: “Nós nos encontramos com Barbato em Baku durante o festival “O Mundo do Mugam”. Enquanto olhava instrumentos musicais lindíssimos no foyer do Centro do Mugam eu brincava sobre as circunstâncias do nosso encontro: “ Dois italianos estão em Baku no festival do mugam e, além disso, um deles é pesquisador da tradição do makam oriental, que sentido tem isso? E de repente eu me lembrei das palavras de Movlan Djalaleddin Rumi⁹: “Eu não estou nem no Ocidente nem no Oriente, não estou nem na terra nem no mar”, - estas são as palavras que refletem esta situação onde a música pode reunir as pessoas apesar de todas as barreiras – políticas, econômicas e nacionais”,

Nós nos convencemos da sabedoria destas palavras, que foram expressas muitos séculos atrás, durante o concerto do festival “o Mundo do Mugam”, enquanto tocava a música da alma do compositor do Azerbaijão, F.Amirov, reconfortada pelo coração ardente do maestro – o italiano do Brasil que contou com a simpatia do auditório independentemente de sua nacionalidade, idade e convicções.

Cada pessoa é um universo inteiro e com cada pessoa que parte



morre a experiência única da sua vida. Mas como disse muitos séculos atrás o filósofo Sêneca (filho) “a memória das grandes personalidades tem tanta importância para nós quanto a sua presença”. Nós, no Azerbaijão, recordaremos para sempre o maestro, pois aquele concerto do dia 19 de março de 2009 no primeiro festival internacional “o Mundo do Mugam” tornou-se, sem exagero, um dos eventos mais brilhantes da vida musical do país. Cada vez que ouvimos a excelente interpretação da música de Amirov que é transmitida regularmente pela TV, ao observar os gestos claros e as mãos expressivas de Barbato, seu rosto bonito, inspirado em nós, sentimos tristeza profunda e sentimos uma dor insuportável, mas ao mesmo tempo sentimos muita bondade e profunda admiração por ter tido contato com a grande arte deste grande músico... ✨

Referências

- 1 Uma das diferentes composições musicais tradicionais do Azerbaijão
- 2 A festa tradicional que celebra o Ano Novo no dia do equinócio de primavera - que pode acontecer no dia 20, 21 ou 22 de março)
- 3 Eminent compositor do Azerbaijão
- 4 Um grande compositor russo (1804-1857)
- 5 Canto a uma só voz, sem acompanhamento.
- 6 Proeminente maestro e compositor do Azerbaijão soviético (1912–1984)
- 7 Organização Educacional, Científica e Cultural islâmica.
- 8 Sistema de modos melódicos usados na música tradicional oriental
- 9 Um poeta, jurista e teólogo sufi persa do século XIII.